



## REFLEXÕES SOBRE A (RE) PRODUÇÃO DE PRECONCEITOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Raíssa Regina Santos<sup>1</sup>  
Natália Nassiff Braga<sup>2</sup>

### Introdução

Ainda que com limitações, a instituição escola colabora nos aspectos de formação moral dos educandos, visto que tanto noções de valores, quanto regras são difundidos pelos docentes, pelos livros didáticos, pela organização institucional, pelos modelos de avaliação, pelo comportamento dos alunos, dentre outras variáveis.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), realizar tratativas relativas a questão de gênero de modo explícito, ou seja, que essas sejam objetos de reflexão escolar como um todo, bem como desenvolvidas de modo transversal e interdisciplinar dentro da sala de aula, propicia que as mesmas não sejam consolidadas de modo estigmatizado pela sociedade. Sobretudo, a implementação de trabalhos pedagógicos a serem desenvolvidos nas escolas com a temática de identidade de gênero deve ser organizada sob o ponto de vista da ética, pautando-se no “respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista, por meio da adoção de atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças e discriminações” (BRASIL, 1997, p. 287).

Conforme o Caderno de Orientação Sexual, dos Temas Transversais (BRASIL, 1997), sendo a escola um espaço de socialização dos conhecimentos e práticas culturais, as relações que ocorrem em tal ambiente algumas vezes acabam por traduzir estereótipos e preconceitos. Nessa perspectiva, partindo das diferenças de sexo, que acabam por qualificar as relações gênero, o intuito do presente trabalho é de realizar reflexões sobre o currículo e as práticas escolares enquanto aspectos que colaboram na produção e reprodução dos preconceitos no cotidiano escolar.

<sup>1</sup> Graduanda, Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo - Campus Caraguatatuba, apresentacao.rrs@outlook.com

<sup>2</sup> Doutora, Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo - Campus Caraguatatuba, natalianb.ifsp@gmail.com





## Revisão bibliográfica

A universalização do ensino, ideia amplamente difundida sobretudo a partir da Conferência Mundial sobre a Educação Para Todos, ocorrida na Tailândia no ano de 1990, proporcionou a toda a sociedade a ligação com a escola, sendo esse um ambiente potencializador de conscientização social no que tange o respeito a temática de identidade de gênero. O Caderno de Ética do Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) salienta que tanto a sociedade, como a convivência familiar e os meios de comunicação delineiam os aspectos e personalidades tidas como “boas” e “ruins”, que acaba por influenciar no comportamento das crianças.

Os estudos queer surgem por volta da década de 80, tendo como descendência os estudos teóricos gays e lésbicos, as teorias feministas, a sociologia do desvio e o pós-estruturalismo francês<sup>3</sup>. Tal vertente abrange não somente as questões de orientação sexual, mas também a problematização das noções de sujeito e identidade, sugerindo novas reflexões sobre cultura, conhecimento, poder e educação, que vai além de pensar na ambiguidade, multiplicidade e fluidez das identidades sexuais e de gênero (LOURO, 2001).

Conforme Warner (1993 apud MISKOLCI, 2009), a Teoria Queer é uma crítica sem sujeito, que possui como foco o campo amplo da normalização "como lócus de violência social, para as estruturas sociais hegemônicas que criam sujeitos como normais e naturais, por meio da produção de outros perversos ou patológicos." (p. 173).

Ao colocar em xeque as coerências e estabilidades que, no modelo construtivista da teoria social, fornecem um quadro compreensível e padronizado da sexualidade, o queer revelou um olhar mais afiado para os processos sociais normalizadores que criam classificações, as quais, por sua vez, geram a ilusão de sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares. (MISKOLCI, 2009, p. 7)

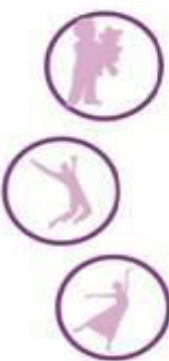
Problematizar essa ótica de construção social “significa colocar em questão a existência de um corpo a priori”. Culturalmente faz-se uma identificação e nomeação de um corpo, geralmente realizada no momento de nascimento ou por meio de técnicas ditas prospectivas, a partir dos valores culturais, ou seja, o corpo torna-se inteligível de acordo com a cultura a qual pertence (LOURO, 1997). "Os corpos já nascem maculados pela cultura, já nascem cirurgiados por tecnologias discursivas precisas que irão determinar e validar as formas apropriadas e impróprias dos gêneros." (BENTO, 2003).

Tendo, portanto, a escola um importante e influente papel social, torna-se necessário a tomada de atitudes reflexivas na prática diária, buscando a desconstrução de padrões e

---

<sup>3</sup> “Ainda que haja variações entre os diversos autores, é possível afirmar que o sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido (Hall, 2006).” (Miskolci, 2009, p. 2)





estereótipos amplamente difundidos em nossa cultura como as separações de “coisas de meninos” e “coisas de meninas”, ou as justificativas “homens são assim mesmo” diante de determinadas situações, como desleixo ou brutalidade, ou as broncas como “onde já se viu, uma menina fazendo isso?” ou ainda diante de uma situação emotiva de um garoto “que isso, você é homem ou não é?”, deixando explícito que determinadas atitudes são aceitas apenas para determinado gênero, sendo assim inadequado para o outro.

### Referencias

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). **Introdução**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998

BENTO, Berenice. Transexuais, corpos e próteses. **Labrys: Estudos Feministas**, n. 4, ago./dez. 2003.

MISKOLCI, R. A **Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias* 21, p. 150-182, 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222009000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100008)> acesso em: 15 de dezembro de 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 1.ed. São Paulo: Vozes, 1997. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46>> acesso em: 10 de março de 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: **Revista Estudos Feministas**. v. 9 n. 2 Florianópolis, 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>> acesso em: 02 de abril de 2016.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira

Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

